

Luís Carlos Prestes

MARLY DE A. G. VIANNA*

A 3 de janeiro passado fez cem anos que nasceu Luís Carlos Prestes. É difícil escrever sobre ele, falar de suas qualidades e também do que chamaremos seus defeitos, para tentar compor sua personalidade. Elogiar é fácil, assim como apontar defeitos também o é. Por isto Prestes é mostrado ou como um santo, que as tendências hagiográficas gostam de exaltar ou como verdadeiro demônio, responsável pessoal e politicamente por todos os erros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e até da política do Brasil de sua época.

Vejo Prestes como uma personalidade notável, com suas grandes qualidades e seus defeitos, às vezes grandes também. O que fascina nele é justamente encontrar a grandeza, a dignidade humana e política de sua personalidade, com todas as suas deficiências e com todos os erros que cometeu. Prestes foi um grande general, um mau político, uma figura humana notável.

Não pretendo fazer um relato cronológico da vida de Prestes. Procurei selecionar alguns aspectos de sua personalidade, às vezes cronologicamente marcados, em suas fases de tenente revolucionário e de secretário-geral do PCB.

Quando escrevi uma vez sobre Prestes, usei no início do capítulo que a ele se referia uma poesia de Fernando Pessoa que pareceu-me ajustar-se como uma luva ao Cavaleiro da Esperança. Dizem os versos:

Há só cada um de nós, como uma cave;
Há só uma janela fechada e todo o mundo lá fora;
E um sonho que se poderia ver se a janela
se abrisse.

Prestes sempre me deu a impressão de enorme solidão e de ter, desde cedo, precisado forjar defesas, traçar caminhos, procurando enfrentar as dificuldades superando-as sem se abater e rigorosamente sem se afastar do que considerava ético, moral.

Ainda criança teve grandes dificuldades a superar. Filho do capitão do Exército Antônio Pereira Prestes e de Leocádia Felizardo Prestes, mudou-se de Porto Alegre para o Rio ainda pequeno. Prestes tinha 10 anos quando seu pai morreu, depois de longa e penosa enfermidade. Devem ter sido angustiantes para o garoto a doença do pai e



ICONOGRÁFIA

todas as atribuições por que a família passou por causa dela. A presença de dona Leocádia tornou-se dominante, ao mesmo tempo em que Prestes apagava a imagem do pai:

De meu pai não posso dizer nada, porque depois que adoeceu gravemente foi piorando cada vez mais; já minha mãe era uma pessoa culta, lia muito, falava bem o francês, tocava piano e cítara, conhecia bem literatura.¹

Prestes teve uma infância pobre e até entrar para o Colégio Militar, com 11 anos, estudou em casa com a mãe. No colégio, período que relembra com certa amargura, moldou muitos traços de seu caráter. Sendo aluno externo, tinha que suportar as ironias dos colegas por fazer as refeições no Colégio Militar:

A juventude e a infância são assim, cruéis [...] Não respeitam nada. E diziam a mim, direto, que não sabiam “como você, que é externo, fica para comer aqui esta porcaria!” E eu tinha que ficar calado, e ficava, porque era ordem dela, para diminuir as despesas com outras bocas, em casa. Mas são acontecimentos que ajudam a moldar o caráter de uma pessoa.²

Prestes, que sofria com a “crueldade” dos colegas, não se revoltou contra a situação familiar, mas esforçou-se por transformar a posição de garoto pobre humilhado em aluno brilhante. À custa seguramente de muito sofrimento e

* Professora de História do Brasil da Universidade Federal de S. Carlos.

CARLOS PRESTES

A FRENTE DA INSURREIÇÃO ARMADA NO RIO!



Esta edição: 4 pag.

Número avulso: 100 rs.

A Manhã

2ª EDIÇÃO

DIREÇÃO DE PEDRO HOTTALIMA

NUM. 192 :: Rio de Janeiro Quarta-feira, 27 de Novembro de 1935. :: ANNO I

SOB O SEU COMMANDO LEVANTOU-SE, ESTA MADRUGADA, A GUARNIÇÃO DESTA CAPITAL

Todas as forças insurrectas no Rio, assim como em todo o país, estão sob a direcção política e militar de Luiz Carlos Prestes. O movimento vinha sendo preparado desde algum tempo. Os acontecimentos do norte do país, tendo deflagrado a revolução no território nacional, determinaram da parte de Prestes a ordem de sobre-aviso

que publicamos em outro local e que foi baixada hontem pela manhã. Já á tarde, o chefe supremo da Revolução, marcava para esta madrugada o pronunciamto das forças armadas do Rio e de outros pontos do país. Sua palavra de ordem foi imediatamente cumprida, conforme se verifica com a generalidade do levante nesta capital.

O MOVIMENTO ESTENDE-SE A TODO O TERRITÓRIO DO PAIZ

Em S. Paulo, o commando das forças revolucionarias foi assumido pelo general Miguel Costa

O AVISO DE PRESTES aos seus companheiros

Texto do sobreaviso dado, hontem, por Luiz Carlos Prestes aos seus companheiros de revolução:

"O Comité Revolucionario, sob a minha direcção, frente aos acontecimentos que se desencadeam no norte do país e á ameaça de installação de uma dictadura reaccionaria, decide que todas as forças da

Revolução estejam promptas para lutar pelas liberdades populares e para dar o golpe definitivo no governo de trahição nacional de Getulio Vargas.

Dia e hora serão opportunamente marcados.

Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1935. --- LUIZ CARLOS PRESTES"

Prestes foi um grande general,
um mau político,
uma figura humana notável.

de certo isolamento foi capaz de superar o que considerava sentimentos menores e forjar um caráter mais forte do que o dos demais. Desde cedo tornou-se admirado por seus colegas: “Era uma inteligência brilhante, maravilhosa. No Colégio Militar já era um líder”.³

Quando terminou o Colégio, Prestes resolveu ir trabalhar no comércio para ajudar no sustento da família, mas sua mãe não permitiu que abandonasse os estudos. Para ter um curso superior, a opção foi a Escola Militar, onde Prestes ingressou em 1916, aos 18 anos. Além da gratuidade da Escola, ganhava um pequeno soldo, que entregava todo à sua mãe. A família organizou-se para que o filho mais velho pudesse estudar: dona Leocádia e uma das filhas trabalhavam fora, a outra fazia os trabalhos domésticos. Só Prestes teve o privilégio de estudar e queria corresponder aos esforços que faziam para que ele se formas-se. Sua única e grande preocupação era sair oficial e assumir a responsabilidade da casa:

Era o meu objetivo, a minha preocupação maior. De maneira que eu não tinha namorada, não tinha nada disso para me preocupar. Minha preocupação era o estudo. Entregava em casa todo o soldo que recebia na Escola e assim também não podia participar de nada, porque os alunos saíam, iam para o teatro, para a zona de prostituição e nada disso eu podia porque não tinha um tostão no bolso [...] Não dava a mínima importância a tudo isso. O essencial é que eu tinha uma meta traçada e a minha preocupação era realizá-la, porque eu tinha um grande afeto à minha mãe e às irmãs e desejava ver se podia ajudá-las. [...] De maneira que eu não tinha nenhum romance. Os colegas da Escola só falavam em cinema, teatro e mulheres e eu nessa conversa não podia entrar, porque não tinha assunto. Ficava em casa, ajudando-a.⁴

Já oficial, Prestes ia todas as noites esperar sua mãe, na volta do trabalho, no Jardim do Meier, para acompanhá-la até em casa. Essa dedicação à família Prestes vivia como uma obrigação que parecia cumprir nem como um fardo e nem prazerosamente: era seu dever, era o cumprimento da meta que se traçara, imposta por esse dever. E se uma coisa é devida, não cabe ser agradável ou desagradável, deve ser feita. Evidentemente, considerando o amor e o carinho que tinha pela mãe, era o mesmo senso de dever que o fez subir a palanques, em 1945, com Getúlio,

que enviara sua esposa, grávida, para ser assassinada pelos nazistas. Prestes achava que era importante para o Brasil, para o partido comunista, para a URSS, para a paz mundial, apoiar quem enviara tropas contra o Eixo, não cabendo qualquer outro tipo de consideração.



Durante toda a sua vida Prestes manteve esse senso de dever. Enquanto serviu o Exército cumpriu com responsabilidade as incumbências recebidas, sendo extremamente dedicado a seus subordinados. Esse é um aspecto interessante da personalidade de Prestes. Não era um homem expansivo e na vida política parecia sempre distante, na postura de um general a falar a seus soldados. Mas enquanto tenente e capitão do Exército tratou seus comandados quase com carinho. Por onde serviu criou escolas, desde alfabetização até a preparação para o concurso a sargento, escolas em que lecionava sozinho e preparando “professores” para alfabetização; cuidou da educação física, da instrução militar e da alimentação, que

compartilhava com os soldados. Quando a Coluna inter-nou-se na Bolívia, Prestes ficou por lá até que o último soldado tivesse ou voltado ao Brasil com segurança e algum dinheiro ou ficado na Bolívia trabalhando. São exemplos do que dissemos da dificuldade de falar de uma personalidade complexa. Aqueles que se recordam de um Prestes frio, distante, comandante lidando com subordinados, não mentem nem exageram. Mas como chamar de frio e distante um homem que foi adorado por seus soldados justamente pelo calor, pela proximidade que fazia com que conhecesse o nome de cada soldado da Coluna, seu apelido e seus problemas? Que tinha uma preocupação real, não demagógica, com cada um deles?

Uma outra questão é a do discutido positivismo do Cavaleiro da Esperança. Prestes recorda-se de suas leituras da época de estudante, tanto de filósofos franceses como de matemática, livros que encontrava na biblioteca do pai, que fora positivista convicto. Pelo entusiasmo do pai e de um tio materno pelas idéias de Comte, Prestes sempre foi chamado de positivista e é interessante notar como se isso fosse um xingamento. Prestes também reagia a isso como que respondendo a uma pecha. Seu argumento era o verdadeiro ódio que dona Leocádia tinha pela religião positivista e pelo que considerava a grande hipocrisia dos adeptos de Comte — a ponto de, depois da morte do capitão Prestes, o busto de Comte que havia em casa ser “executado” a machadadas. De qualquer forma, Prestes não estava imune às idéias — que não eram exclusividade dos positivistas — que impregnavam o pensamento militar e avançado da época: a crença no progresso evolutivo da humanidade, na lei, na ordem, na disciplina, na hierarquia.

Algum sentimento religioso Prestes teve, pois embora não freqüentasse a Igreja, acreditava em Deus e, já adulto, fez-se batizar, num dia 19 de março, dia de São José, data que sempre lembrou. Seus padrinhos foram um professor amigo que o convertera e Nossa Senhora da Conceição.

Prestes parecia sentir-se sempre sozinho, sozinho de amores e sozinho de amigos — poucos foram os que, em vida, mereceram dele esse título. No exílio em Buenos Aires, montou com o tenente Orlando Leite Ribeiro um escritório de representação para a venda de produtos brasileiros. Alugaram um pequeno armazém e Prestes passou a viver nele, num quatinho dos fundos. Apesar das inúmeras pessoas que o procuravam — jornalistas e admiradores — além dos tenentes com quem mantinha contato, Prestes recorda-se de sua vida isolado e sozinho:

[...] aos domingos, para mim, era dia de ficar sozinho. Tinha lá uma vitrola que minha mãe mandara do Rio

e alguns discos. Eu ouvia aqueles discos todos, depois dava um passeio por Palermo e voltava. Essa foi minha vida ali, quase de isolamento, sozinho.⁵

Talvez, para enfrentar uma vida emocional difícil, a que se propusera, ou para defender-se do sofrimento que em algum momento da infância enfrentara, Prestes acabou por tornar-se bastante fatalista. Da prisão, onde estava depois da derrota do movimento de novembro de 1935, com o amigo Berger, enlouquecido pela tortura, na cela a seu lado, com a mulher, Olga, numa prisão nazista, escreve à mãe:

Quero que tenhas a certeza que, apesar de tudo o que há de triste e desagradável na situação em que me encontro, não me sinto absolutamente infeliz e não há nada que consiga me levar ao desespero. Cada vez compreendo mais clara e nitidamente os acontecimentos e isso me dá uma grande força. Além do mais, tudo o que nos acontece na vida, por mais negativo que nos pareça, tem sempre seu lado positivo e é sobre ele que devemos refletir quando mais nada podemos fazer.⁶

Outro aspecto da personalidade de Prestes a destacar foi o do julgamento que quase sempre fazia das pessoas, tendo como referência o que considerava lealdade ou deslealdade para com ele. Estilac Leal, um ex-tenente que considerava muito, não só denunciou o golpe de 1935 a Filinto Müller, quando recebeu o bilhete de Prestes convidando-o a aderir ao movimento, como participou do bombardeamento do quartel do 3º RI. Mas Prestes desculpava Estilac argumentando: “Ele não tinha nenhum compromisso comigo”. Uma questão de lealdade pessoal.

Outro exemplo é o de alguns militantes do PCB que foram promovidos à direção central sem que outro mérito justificasse a escolha a não ser terem servido a Prestes — como caseiros, geralmente — e pelo fato de o Cavaleiro da Esperança os considerar (equivocadamente) leais servidores e alunos seus no aprendizado do marxismo.

Prestes foi um homem de sua época, e tomou dela o que havia de mais avançado dentro de seu grupo social, o revolucionarismo tenentista: acabar com a corrupção da República Velha, lutar pela justiça (muito mais eleitoral do que social); acreditar no progresso da nação, capitaneado por sua elite pensante, honesta e capaz — eles, os militares. Tais valores estavam amalgamados com os que lhe foram inculcados em casa: honra, solidariedade, honestidade; e no quartel: disciplina e respeito à hierarquia. Foram os parâmetros segundo os quais traçou o caminho de sua missão, de seu dever a cumprir.

O TENENTE

Aspirante da turma de 1918, Prestes ainda continuou na Escola Militar por mais um ano, completando o curso de Engenharia. Em janeiro de 1920 colou grau como bacharel em Ciências Físicas, Matemáticas e Engenharia Militar, e foi promovido a segundo-tenente. Fez todo o curso da Escola como primeiro aluno, indo servir, ainda em janeiro de 1920, na Companhia Ferroviária em Deodoro. Promovido a primeiro-tenente em 1921, tornou-se auxiliar de instrução de Engenharia da Escola Militar, cargo que

No segundo semestre de 1921 as “cartas falsas” de Arthur Bernardes forneceram a ocasião histórica para a entrada de Prestes na vida política, através do movimento que ficou conhecido como tenentismo. Prestes passou a freqüentar as reuniões do Clube Militar e, fato curioso, apesar de estar convencido da autenticidade das cartas, votou contra a realização de uma perícia nelas, por achar que não havia condições de levar até o fim uma luta conseqüente contra o governo, como explicou a um colega:

O meu gesto foi de lavar as mãos. Eu quero ver o que vocês vão fazer. Porque a perícia vai dizer que as



ICONOGRAPHIA

deixou por não conseguir material para executar bem o trabalho. Fiel a seus princípios ético-morais, não lhe importava que os outros lhe dissessem que cumpria da melhor maneira o seu dever e que não tinha culpa se o governo não fornecia o material necessário para os cursos. Prestes considerava que não podia dar bem a instrução se não tinha material para isso e que, portanto, não podia continuar recebendo, além dos vencimentos, uma comissão como instrutor. No final do ano demitiu-se e retornou à Companhia Ferroviária.

cartas são de Bernardes eu não tenho dúvida. E vai-se fazer o quê?

Há unidade entre nós para fazermos alguma coisa? (Eu não acreditava que houvesse). Agora, eu te digo: enquanto eu vestir esta farda eu estou com vocês.⁷

E, de fato, participou desde o início das articulações tenentistas, assumindo o comando da conspiração na Companhia Ferroviária. Politicamente, a idéia dos tenentes era a de derrubar o governo de Epitácio Pessoa através de um levante, impedir a candidatura Bernardes e colo-

car no governo o marechal Hermes da Fonseca.

O tifo impediu que Prestes participasse da primeira revolta tenentista, a 5 de julho de 1922. O fato de aqueles que conspiravam com ele nada terem feito, foi uma decepção pessoal:

No dia seguinte, quando eu soube que a minha Companhia não tinha feito nada, que aqueles tenentes tinham ficado lá, junto com o comandante, até a meia-noite, esperando que a Vila Militar se levantasse [...] E como ninguém se levantou lá eles também não se levantaram. Eu fiquei indignado! Tive a primeira decepção da minha vida!⁸

Apesar de não ter participado do movimento, Prestes era conhecido como simpatizante dele, o que lhe valeu uma transferência, em novembro de 1922 (em outubro fora promovido a capitão), para o Rio Grande do Sul, onde, sediado em Santo Ângelo, fiscalizaria os quartéis da região dos Sete Povos das Missões. Não tardou muito para que se indignasse com as irregularidades que lá constatou. Não atendido em suas reclamações e como não liberava, para construção de quartéis, material que não estivesse nas especificações exigidas, acabou transferido “por necessidade de serviço”, para o Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo.

A conspiração continuava e era Juarez Távora o tenente que colocava Prestes a par do andamento dela. O movimento eclodiu no segundo 5 de julho (de 1924), em São Paulo, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes. No Rio Grande, na madrugada de 29 de outubro, Prestes levantou o Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, dando início ao movimento que iria transformar-se na marcha da Coluna que levou seu nome.

A Coluna Prestes, o maior feito militar da história do Brasil, foi o período em que se construiu e consolidou a lenda em torno do tenente revoltoso, transformando-o no Cavaleiro da Esperança. Foi a época em que Luís Carlos Prestes realizou plenamente sua maior vocação: a de um grande estrategista militar, que soube fazer coincidir uma correta tática militar com a perspectiva política progressista viável na época. Como tenente, Prestes foi sensível às aspirações da parte atuante da nação — as camadas médias urbanas, que os jovens militares tão bem representavam e uma boa parte das classes dominantes, alijada do poder pelo grupo paulista e já capaz, política e economicamente, de compartilhar do poder.

Representação, justiça, ordem, honestidade foram as vagas palavras de ordem que os tenentes defenderam. Apesar de vagas, eram o máximo de democracia que esses

grupos estavam dispostos a defender para participar do poder. Elitistas, os tenentes fariam uma revolução pelo povo e contra a politicagem corrupta que a seu ver assolava o país. A Coluna foi o grande feito que buscou realizar esses ideais.

Depois de percorrer o Brasil por mais de dois anos, já eleito Washington Luís e sem uma perspectiva política clara, Prestes julgou ser hora de encerrar a marcha. Quando os revolucionários entraram na Bolívia ele já era um herói nacional. Não houve elogios que não recebesse: “Prestes não é somente uma das maiores afirmações da energia e da inteligência de nossa raça, mas um dos tipos mais eminentes de toda a humanidade.”⁹

“PRESTES, MAIOR QUE ANIBAL!”, diziam editoriais de jornais da época, demonstrando que entre os grandes generais da história, apenas Alexandre, o Grande superara a marcha do capitão brasileiro.¹⁰

Independentemente das transformações políticas por que Prestes passou, foi o período da Coluna e sua ação militar que o transformaram em herói nacional. O lendário Cavaleiro da Esperança é o tenente revolucionário comandante da Coluna Invicta, é o general Prestes, não o dirigente da insurreição de 1935, nem o senador da República e muito menos o secretário-geral do PCB.

O POLÍTICO

Prestes não foi um bom político porque careceu de base teórica político-cultural que lhe permitisse pensar acertadamente a inorgânica realidade brasileira. Quando criança, ouvia a leitura de jornais que sua mãe fazia, ressaltando o que era certo e o que era errado, como lembrou Prestes muitas vezes. Também a acompanhou a comícios civílistas, de acordo com as posições ingenuamente antimilitaristas de dona Leocádia. Durante todo o período da Escola Militar não se lembrava, repetiu muitas vezes para frisar seu apoliticismo, de ter ouvido sequer falar na Revolução Russa. Sua atitude na época foi a mesma de seus colegas militares: preparar-se para reprimir as greves operárias, em especial da fábrica de tecidos Bangu, próxima a Realengo, repressão que achava justa, por considerar a greve uma baderna. Prestes entrou na política já oficial, completamente imbuído da “ideologia” tenentista. Do partido comunista ouvira falar pela primeira vez quando a Coluna aproximou-se de Recife e teve um contato com Cleto Campelo. As circunstâncias de sua formação política não foram favoráveis, nem nesse período nem no seu período “marxista”.

Iniciou as leituras marxistas no isolamento de seu

exílio em Santa Fé, na Argentina, para onde foi no final de 1928. Ao mesmo tempo que lia os clássicos do marxismo iam mudando no Brasil os rumos e a liderança do movimento revolucionário que se iniciara em 1922. Prestes começou a se aproximar e a se empolgar com a movimentação política de esquerda que havia em Buenos Aires. Lia os documentos do PCB, paupérrimos política e teoricamente e, através do Partido Comunista Argentino (PCA), tomava conhecimento dos documentos do movimento comunista internacional, já deformado pelo marxismo vulgar e dogmático dos anos marcados pelo estalinismo.

Apesar da conspiração tenentista continuar e de Prestes ainda ser considerado chefe militar da revolução, as leituras marxistas, em especial as obras de Lênin, começavam a abrir diante do líder da Coluna outras perspectivas revolucionárias. Para Prestes, esse período em Santa Fé foi decisivo em sua vida.

Foi nesse período que eu avancei do ponto de vista do estudo do marxismo. Fiquei cada vez mais convencido de que o único caminho era o caminho revolucionário indicado pelo PCB e pelo PCA. Em Santa Fé eu tinha mais tempo, tratei de estudar mais atentamente as obras de Marx, Engels e Lênin. Além de *O Capital*, eu li, de Engels, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Mas o que mais me influenciou para mudar meu pensamento foi *O Estado e a revolução*, de Lênin. Tive uma compreensão nova do papel do Estado. Eu via o Estado acima das classes, um elemento harmonizador das classes e aí, neste livro, *O Estado e a revolução*, eu o compreendi. E tive a sensação que eu tinha mesmo era que fazer toda uma raspagem de tudo que tinha aprendido antes, para começar a estudar um novo pensamento. Havia uma modificação, eu senti uma modificação considerável na minha maneira de pensar. Eu me aproximava do marxismo.¹¹

O rompimento de Prestes com os tenentes começava a se tornar inevitável. Em novembro de 1929, convencido de que a candidatura Vargas era um engodo, e vendo que os tenentes a apoiavam, fez ainda uma

última tentativa para ganhá-los para suas posições. O programa que propunha era o de levantar a bandeira das reivindicações populares, lutar pela terra e contra o imperialismo. Seu programa tinha três itens importantes: liberdade política, ação política e problema rural,¹² que eram uma mistura de posições tenentistas e palavras de ordem do PCB e da Internacional Comunista (IC). “Eu ainda tive a ilusão de ganhar alguns tenentes para minha posição, posição revolucionária [...] Mas naquela hora não ganhei ninguém. Não ficou um só.”¹³

Achando que Miguel Costa, dando adesão pública a Vargas, envolvia nesse apoio a Coluna e o seu nome, Prestes rompeu com ele:

Prestes foi um homem de sua época, e tomou dela o que havia de mais avançado dentro de seu grupo social, o revolucionarismo tenentista: acabar com a corrupção da República Velha, lutar pela justiça (muito mais eleitoral do que social); acreditar no progresso da nação, capitaneado por sua elite pensante, honesta e capaz — eles, os militares.

Esperei o Miguel. No dia seguinte ele chegou, nos sentamos, ele fez um relatório — o relatório dele era todo otimista. Depois que ele acabou eu disse: Está bem. Agora, aqui, nesta hora, neste momento, nós não temos mais nada a ver um com o outro. Nem com vocês todos que estão com o Getúlio, ouviu!¹⁴

Decidido a não deixar que seu nome fosse usado, teve então a idéia de fazer um manifesto, rompendo publicamente com as posições que os tenentes vinham

tomando. Nascia assim o famoso *Manifesto de Maio de 1930*, que Prestes afirma ter escrito sem qualquer influência do PCA e muito menos da IC, com quem ainda não tinha qualquer contato. Evidentemente que influência havia, embora indireta, através das leituras dos textos comunistas que vinha absorvendo na Argentina.

Antes de lançar o manifesto que tornaria pública sua adesão ao comunismo, Prestes chamou os tenentes para entregar a eles o posto de chefe militar da revolução. Foi na volta dessa reunião, a que estiveram presentes Siqueira Campos, João Alberto, Miguel Costa e Djalma Dutra, que Siqueira Campos morreu num desastre aéreo. Foi também nessa reunião que Prestes declarou que não devolveria os 100 mil pesos uruguaios — cerca de oitocentos contos de réis — que recebera de Getúlio: o dinheiro ficaria para a verdadeira revolução. O rompimento de Prestes com seus camaradas da Coluna foi violento. Chamou Miguel Costa e João Alberto de policiais, vendidos, politiquieiros

e fascistas. Orlando Leite Ribeiro, seu companheiro de Colégio Militar e de exílio, passou a “preposto dos plutocratas paulistas”; Juarez Távora era o

caixeiro itinerante do imperialismo inglês [...] que só às custas das mais indignas e sórdidas negociatas pode ainda passear pelo litoral do Norte sua triste figura de imbecil e traidor das massas exploradas que nele confiaram [...] Rafael Correia de Oliveira e Pedro Mota Lima deveriam ser marcados a fogo pelas massas e com eles a maioria dos intelectuais pequeno-burgueses que ainda hoje se dizem “comunistas”, “meus amigos”, “correligionários”, mas defendem um imperialismo contra o outro e arrastam a massa à luta interimperialista.¹⁵

Apesar do PCB ter criticado o *Manifesto de Maio*, o responsável pelo Birô Sul-Americano (BSA) da IC em Buenos Aires, Abraão Guralski, gostou dele e buscou contato com Prestes, a quem elogiou pelo manifesto.

Severamente criticado pelo PCB e já rompido com os tenentes, Prestes enveredou por uma tentativa de criação de uma organização política, a Liga de Ação Revolucionária (LAR), que seria uma espécie de órgão auxiliar do PC. Sua proposta foi novamente rechaçada e dessa vez não contou com a simpatia da IC, o que fez com que Prestes logo desfizesse a recém-nascida Liga.

Em relação à LAR, a insegurança política de Prestes levou-o a uma atitude quase infantil, que repetiu em outras ocasiões: ao notar um erro resultante de uma ação sua bem intencionada, atribuía a “culpa” do erro a terceiros. No caso da LAR, foram os trotskistas os culpados. Mais tarde, assumindo publicamente a responsabilidade pelo movimento de 35, Prestes atribuirá às mentiras de Miranda, o então secretário-geral do PCB, a “culpa” por se ter enganado na avaliação política das possibilidades do movimento. Da mesma forma, mais tarde seria Diógenes Arruda o responsável por seu desconhecimento do partido. Quanto à debilidade de sua formação política, a responsabilidade era dos teóricos do VI Congresso da IC, o que lhe ensinaram quando estava em Moscou, o que lhe meteram na cabeça. Prestes considerava-se o responsável maior pelo que ocorria na medida em que ele era a principal figura em cena. Apesar de jamais ter tido medo de assumir responsabilidades, não conseguia analisar com profundidade os erros cometidos. A política estava na superfície, nas informações que recebera, no que lhe meteram na cabeça. Jamais questionou sua própria capacidade de analisar o que lhe disseram ou inculcaram. Também por isso era fácil autocriticar-se, mudar de posição, errar outra vez e assim por diante, num círculo vicioso a duras penas rompido.



ICONOGRAPHIA

Desfeita a Liga, brigado com os tenentes, rompido com os trotskistas, repudiado pelo PCB, Prestes — o que mais temia era isolar-se do movimento político revolucionário — estava pronto para aderir cegamente à Internacional Comunista. Esta já o vira como um novo Chiang-Kai-shek brasileiro. Guralski, que partilhara dessa opinião, mudou de idéia depois do *Manifesto de Maio* e resolveu apostar no líder da Coluna. Foi, segundo Prestes, seu primeiro professor de marxismo. “Eu recebia as lições dele.



Naturalmente, esquerdistas, a tendência dele era esquerdista, mas era um homem de talento.”¹⁶ A empolgação de Prestes com suas novas posições era tanta que passou a endossar com veemência as críticas que o PCB fazia ao “prestismo”.

Apesar da situação difícil em que vivia como exilado, Prestes não se descuidava da família e havia combinado com a mãe que conseguindo um emprego melhor mandaria buscar a ela e as irmãs. Mal a família se reunira em Buenos Aires

deu-se o golpe do general Uriburo, que obrigou Prestes a refugiar-se no Uruguai. Sobrecarregado com as obrigações financeiras que a ida da família lhe impunha, Prestes não conseguia ter a atividade política que desejava.

Nessa situação, eu disse aos camaradas uruguaios que não tinha condições de continuar atuando politicamente. Porque eu participava das atividades do PC uruguio.

O partido fazia grandes passeatas, comícios e de tudo eu participava. Ao mesmo tempo escrevia, tinha

atividade política para o Brasil e ainda cuidava da subsistência da família. Nessas condições, eu tinha de abandonar toda a atividade política por algum tempo, pelo menos até resolver o problema da minha família. [...] Foi nesse momento — deve ter sido em julho de 1931 — que falando com os companheiros uruguaios eles acharam que era possível eu ir para a URSS como engenheiro contratado. Eu disse: “Só irei se for com a família”. E aí eles concordaram.¹⁷

Antes de viajar para Moscou, Prestes escreveu uma verdadeira declaração de princípios:

Incorporo-me assim, como soldado, entre os operários e camponeses trabalhadores do Brasil, disposto a empregar todas as minhas energias na luta formidável que contra os exploradores nacionais e estrangeiros sustentam as grandes massas de trabalhadores explorados e oprimidos [...] Viajando para a Rússia, ali poderei aprender o marxismo-leninismo, o instrumento teórico em que se apoiou o proletariado revolucionário para tomar o poder em 1917, assim como para conhecer a organização do único Estado Proletário, em plena realização das bases do socialismo.¹⁸

Apesar da linguagem pesada, formal, repetitiva, cansativa, que mostrava a pobreza de seu pensamento político, Prestes aderiu ao movimento comunista internacional com todo o fervor revolucionário de que era capaz — e era infinito.

O tempo passado em Moscou foi o período de identificação com a grande aventura humana de construção de um mundo de justiça e igualdade, apresentada como a materialização de um “marxismo” já profundamente adulterado: banal, dogmático, instrumento de separação do bem e do mal, discriminador, chegando ao policalesco. Foi esse “marxismo” que ensinaram a Prestes e que ele absorveu perene e acriticamente. Seus professores

eram pessoas muito boas, mas eu tinha a impressão que não compreendiam nada da América Latina [...] E toda a instrução que eu recebi em Moscou foi à luz do VI Congresso da IC. Foi isso que eu aprendi lá. Eu mal tinha lido alguma coisa, era cristão-novo ainda, no marxismo. De maneira que o que os companheiros soviéticos me diziam eu considerava a última palavra. E a posição aqui para a América Latina era esta: revolução agrária e antiimperialista, era isso que era necessário fazer. Não era por convicção, nem que tivessem me provado que tinha que ser, ouviu, porque eu não recebi nenhuma informação assim [...] Eu os seguia porque eles diziam que era esse o caminho.¹⁹

As aberrações estalinistas não impediam o entusiasmo do povo soviético na construção de uma sociedade

nova. A maioria das pessoas acreditava nela, lutava por ela e era isso o que empolgava Prestes, apesar das dificuldades da vida na Moscou da época. Não é difícil entender o entusiasmo de um revolucionário pela construção do socialismo, em que pesem todos os problemas e dificuldades colocados.

Em Moscou Prestes ficou ligado a Dimitri Manuilski, secretário da Comissão Executiva da IC, responsável pelos partidos comunistas latino-americanos, de quem se tornou amigo e admirador. Trabalhou inicialmente no Truste da Construção e identificou as críticas que ouvia ao governo como atividade de elementos contra-revolucionários que queriam forçá-lo a deixar a URSS.

Freqüentava as reuniões na IC com dirigentes da América Latina e como não só não fazia qualquer crítica à URSS como a defendia a qualquer preço, era sempre incorporado às diversas delegações que iam conhecer o socialismo. “Eu era muito útil nessas ocasiões. Era difícil tratar com esses socialistas e anarquistas, a atitude deles era muito crítica a respeito da União Soviética; era necessário explicar as coisas para eles e eu ajudava a explicar.”²⁰

Prestes pretendia entrar para o Partido Comunista da URSS (PCUS) mas a época não era propícia, pois os expurgos haviam começado e o ingresso no PCUS estava suspenso. Lembrando-se de ter presenciado trágicas cenas de “autocrítica” de velhos comunistas, Prestes evidencia que acreditava ter o inimigo se infiltrado no partido, sendo preciso combatê-lo para salvar a revolução. Chegou mesmo a comentar:

Eu vi homens de cabelo branco chorando na tribuna, porque levantava-se qualquer cidadão no meio da massa e quando ele estava falando dizia: “Isso que você está falando é mentira!”. Assim, era uma depuração de verdade mesmo, porque era uma coisa feita pela própria massa defendendo o partido, defendendo, querendo que o partido fosse realmente dos melhores. Isso eu assisti, diversas cenas dessas. Era uma coisa bastante dura. Depois é que, mais tarde, a comissão decidia quem ficava no partido e quem era depurado, quem era afastado do partido.²¹

Em agosto de 1934, Prestes conseguiu, por ordem da IC, ingressar no PCB. Nessa época já havia amadurecido a idéia de voltar ao Brasil e retomar o movimento revolucionário. “O integralismo estava avançando no Brasil e era necessário travar a luta contra a fascitização do país. E eu queria ir para essa luta. Minha situação era incerta, eu não era membro do partido e queria voltar e voltar como tal.”²²

Em setembro daquele ano, quando o tenente Silo Mei-

reles, comunista que havia terminado um curso em Moscou, preparava-se para voltar ao Brasil, “já havia uma combinação nossa, de que ele ficaria no Nordeste, para preparar o Nordeste — ele era de lá — e eu viria aqui para o Rio”,²³ contava Prestes.

Quando o Cavaleiro da Esperança chegou ao Brasil, em abril de 1935, era uma mistura de revolucionário tenentista com o marxista formado na versão de Moscou. Os aspectos da rigidez militar, de disciplina e hierarquia e a insegurança teórica não fizeram disso uma mistura feliz. Querendo mudar, exorcizando o passado de “pequeno-burguês”, Prestes reprimiu a espontaneidade criativa do pensamento e da ação que o caracterizaram enquanto líder tenentista. A seu modo, ele reconhecia as dificuldades da transformação:

Não posso contar o que foram aqueles anos de exílio mas é fácil imaginar o que foram aquelas lutas tremendas que tive que travar comigo mesmo, à medida que me convencia do que havia de falso e ilusório no mundo de preconceitos que haviam sido metódicamente arrumados na minha cabeça. Foi a especulação teórica, em busca da solução de um problema político, que me levou ao marxismo. Não nasci marxista, muito pelo contrário, não foi sem vencer as maiores resistências do meu próprio eu que consegui assimilá-lo [...] Para ser honesto comigo mesmo, não podia deixar de tomar o caminho revolucionário. Era preciso entregar-me por inteiro à causa da luta pela transformação radical da situação do povo brasileiro.²⁵

Não esqueceu sua dívida para com Manuilski:

Foi quem me ajudou a tomar pelo caminho acertado, que me levaria a renunciar definitivamente às honrarias com que pretendiam seduzir-me os partidários do imperialismo e do latifúndio, livrar-me de influências estranhas e converter-me num soldado do único movimento revolucionário conseqüente, do movimento operário e comunista. [...] O exílio na URSS contribuiu decisivamente para definir o meu destino.²⁶

De volta ao Brasil, Prestes trazia com ele todo o pres-

tígio que conservara de líder da Coluna, fora eleito presidente de honra da recém-formada Aliança Nacional Libertadora e tinha com ele o apoio material da IC e a força moral do movimento comunista internacional.

Não vamos recontar aqui os episódios de 35, apenas chamar a atenção para alguns pontos da atuação de Prestes nos acontecimentos. Ele não era membro do comitê central do PCB. Voltava ao Brasil com o grupo do Birô Sul-Americano-BSA que aqui se instalava, mas não pertencia a ele formalmente. Era uma situação esdrúxula: teoricamente simples membro do partido, devia subordinar-se à sua direção. Na

prática, fazia parte de um grupo que estava acima do PCB. Era com o BSA que se reunia, com quem discutia, a quem submetia toda a sua intensa atividade voltada para antigos companheiros da Coluna, atividade essa que não passava pelo controle do PCB. Prestes gostava de dizer que na época era simplesmente “um soldado do partido”, mas esteve longe de portar-se como tal e nunca recebeu ordens de Miranda ou da direção do partido, muito ao contrário. Aliás, seria, no mínimo, pro-

funda ingenuidade ver Prestes como “soldado”. Apesar de complicada, a situação não criou maiores problemas. Tanto ele quanto Miranda, diplomaticamente, evitavam atritos.

O sonho de Prestes — e toda a sua atividade estava voltada para concretizá-lo — era o de reviver a Coluna. Sua perspectiva da revolução brasileira era nacional-libertadora e seriam seus antigos camaradas militares — a quem apelava — os dirigentes dessa revolução, devendo os ex-soldados da Coluna ser mobilizados para ela. Isso fica claro nas inúmeras cartas que escreveu na época, todas no mesmo sentido:

Como era inevitável, estamos novamente juntos e nas barricadas do povo levantamos novamente a bandeira de Siqueira Campos. [...] A ti cabe [...] a grande tarefa de mobilizar todos os companheiros da Coluna, bem como todos os outros lutadores honestos que contigo combateram em 30 e 32. Peço-te que te dirijas a todos eles, empregando, sempre que for necessário, o meu nome, explicando-lhes o momento atual e o programa da ANL. É necessário que a Coluna se reorganize e

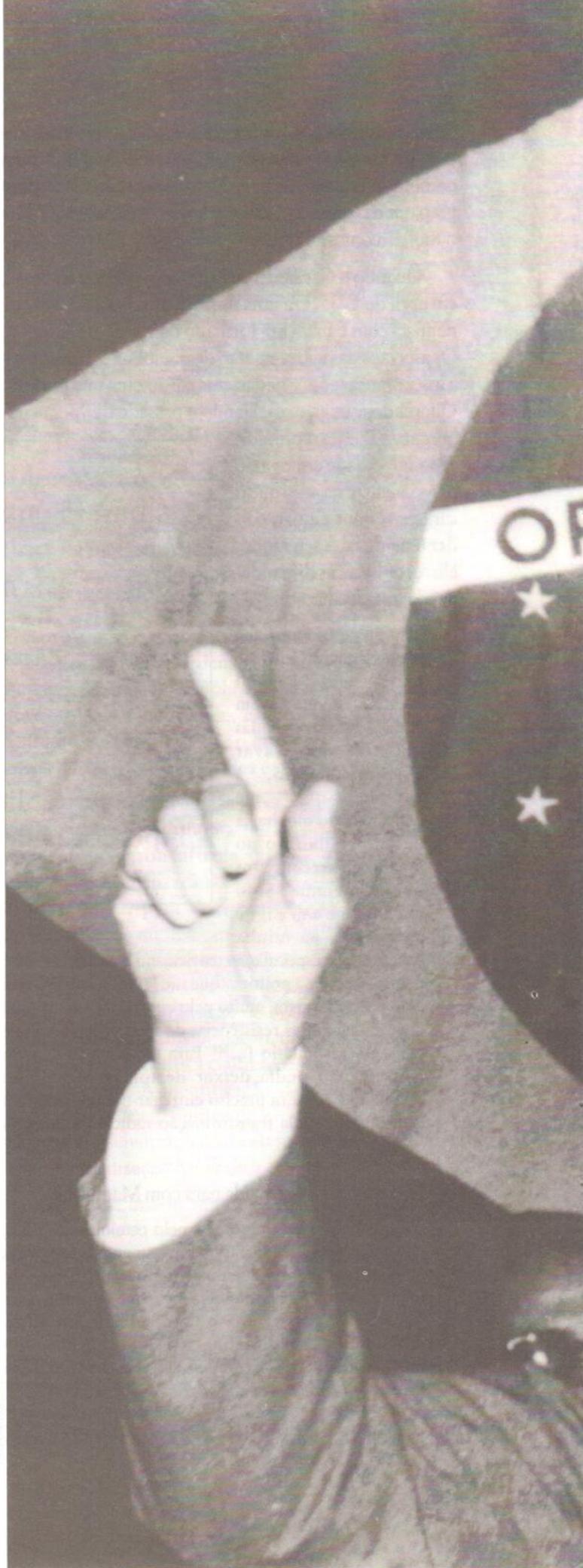
A ingenuidade e mesmo a pureza quixotesca de sua postura política ficam bem evidenciadas na veemência com que discutiu a burda provocação que lhe fizeram, primeiro na ABI, depois no Congresso, sobre a sua postura na eventualidade de uma hipotética guerra entre o Brasil e a URSS.

que seja multiplicada e orientada. Multiplicada porque cada soldado da Coluna deve ser, nos dias de hoje, o comandante de um grupo ou destacamento a serviço da ANL. Orientada porque os últimos anos de lutas e desilusões esclareceram os nossos objetivos e tornaram claro o nosso programa [...] Aos antigos e bravos combatentes da Coluna, aos que não se desmoralizaram com pequenos empregos e sinecuras, que lhes deram os dominadores atuais, cabe ir dirigi-los [...] As lutas precisam começar em todo o país e não há mais tempo a perder. Todos os combatentes da Coluna podem começar lutas armadas no interior, por Pão, Terra e Liberdade, empregando abertamente o meu nome. A palavra de ordem que dou aos antigos combatentes da Coluna é ir ao povo, organizar os trabalhadores do campo, dirigir suas lutas contra os grandes fazendeiros e os bandos policiais. A tática militar a empregar é muito nossa conhecida e já foi provada pela nossa marcha. Ela deu e dará bons resultados. Começar com lutas armadas no interior e não entregar mais as armas, só recebendo ordens do antigo comandante da Coluna.²⁷

O fracasso da insurreição de 35 foi, por muitos motivos, extremamente doloroso para o Cavaleiro da Esperança. Além da derrota política, perdeu sua mulher, viveu a incerteza sobre o destino de sua filha, viu seu amigo Berger enlouquecido pelas torturas, o secretário-geral do partido fraquejar na polícia e o principal dirigente do BSA no Brasil revelar a existência de Olga Benário, do americano Allan Baron, da casa em que ficou escondido em Copacabana, sem saber se ele já havia ou não se mudado já para o Meier, informação que também tinha e que passou à polícia. Foi preciso muita força de caráter para superar essa etapa de sua vida.

Prestes não brilhou como político, já o dissemos. Avaliando a situação em 35 como um tenente dos anos 20, o erro foi enorme. Daí em diante o PCB, sob sua direção, acumulou muitos fracassos. Da prisão, num raciocínio linear, Prestes concluiu que se o inimigo fundamental era o nazi-fascismo e se Getúlio Vargas havia entrado na guerra contra ele, logo era preciso apoiar Getúlio. Assim, simplesmente. Os motivos que levaram o Brasil a entrar na guerra, a pressão externa e interna, o Estado Novo, os crimes cometidos, tão próximos a ele, tudo isso tornava-se secundário diante do que concluíra ser o dever político: apoiar o governo e o governante. Ainda da prisão, Prestes chegou ao absurdo de justificar o Estado Novo:

Não me parece justo o combate ao Estado Novo num apelo como este à unidade nacional. Não poderão, por acaso, formar ao nosso lado na luta contra o nazismo, todos aqueles que por ignorância, ou mesmo por interesse de classe, julgam necessários às condições



ORDEM E PROGRESSO



específicas do Brasil os preceitos fundamentais da Carta de 1937? [...] É falso e injusto fazer ataques generalizados à ‘incapacidade, venalidade, etc. dos agentes governamentais’ assim, abstratamente [...] Se ainda não chegamos à unidade nacional, não é isto devido principalmente ao governo, nem muito menos a seu Chefe, como se diz nesse documento, mas antes e fundamentalmente à incapacidade dos aliancistas de unir e organizar forças a fim de mobilizar as massas em apoio da política de guerra do governo [...]”²⁸

É conhecido o apoio que Prestes deu à Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP) do PCB — pelas posições políticas que teve, de apoio incondicional a Getúlio (Prestes manteve o apoio e retirou o incondicional). O grupo, reunido na Conferência da Mantiqueira, o havia escolhido secretário-geral do PCB.

A coletânea de artigos e discursos de Prestes, *Problemas atuais da democracia*, reúne o pensamento do líder comunista na época. A política sectária, depois da cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, mostrou um movimento pendular na linha do partido: ora guinadas sectárias, ora esquerdistas”, ora “direitistas”, mas sempre numa perspectiva nacional-libertadora: em 1935 a insurreição armada; em 1945 a “união nacional”, o apertar o cinto e abraçar os patrões; em 1948 derrubar o governo de tração de Dutra; em 1958 nova onda de liberalismo simplório, que se consolidou no V e no VI congressos.

As autocríticas feitas em tais ocasiões, da parte de Prestes, foram sempre e ao mesmo tempo sinceras e formais. Pode parecer incongruente, mas Prestes, ao dizer que o partido havia cometido erros e que os erros eram — sempre — devidos à ideologia pequeno-burguesa dentro do partido, acreditava nisso. E se seus erros não eram analisados com profundidade isso não ocorria por oportunismo, mas por incapacidade — individual e coletiva — de entender o que ocorria. Apesar de ter sido um homem muito inteligente — não foi por acaso primeiro aluno durante todos os anos de estudo, nem o dirigente da Coluna Invicta — a fraqueza da práxis política e sua cega adesão à vulgata marxista convertida em religião empobreceram seu pensamento político.

A relação de Prestes com a política era esquemática. Como secretário-geral sempre se manteve distante do partido, separando claramente política de organização, política de atividade sindical e assim por diante. Ao mesmo tempo que culpava a terceiros por esse seu afastamento da vida partidária — Arruda impedia, o secretariado não deixava — Prestes, inúmeras vezes, deixou claro que se distanciava da organização porque estava “voltado para a

política” — conceito reduzido a contatos nacionais e viagens internacionais, de cúpula e inócuos, uma vez que o PCB tinha escasso peso político na sociedade brasileira.

A ingenuidade e mesmo a pureza quixotesca de sua postura política ficam bem evidenciadas na veemência com que discutiu a burda provocação que lhe fizeram, primeiro na ABI, depois no Congresso, sobre a sua postura na eventualidade de uma hipotética guerra entre o Brasil e a URSS. É só nesse contexto que se pode entender a fidelidade de Prestes à URSS. Não era só a importância de apoiar a existência do socialismo, ele simplesmente não questionava a política soviética.

Prestes nunca explicitou sua opinião sobre o período estalinista, de tal forma bloqueava o pensamento crítico sobre a URSS. As referências que fez sobre o assunto foram, geralmente, meras constatações. De uma feita pareceu justificar crimes da época. Falando a respeito de um amigo seu que passara 20 anos num campo de concentração estalinista, acusado de conspirar com G. Sinani, membro da direção da IC que foi fuzilado como trotskista, Prestes comentou:

Agora, ele foi preso, porque ali, em parte, parece que ele tem culpa, inconsciente ou consciente. Ele nasceu na União Soviética, mas foi muito pequeno para o México e foi dirigente do partido, fundador e dirigente do partido mexicano, ouviu? Então tinha muitos amigos no México e no México estava o Trotski, não é? Já nessa época. E o Sinani parece que entregava a ele, por intermédio dele, entregava cartas para o México. Ele tira o corpo fora nessa coisa, mas parece que ele, algumas cartas ele entregou para elementos que [...] para os mexicanos que eram do Sinani. Ele foi preso, passou 10 ou 15 anos.²⁹

CONCLUSÃO

Prestes, repetimos, foi um homem com muitas facetas: grande general, político incompleto, notável figura humana. Dividiu com Vargas a projeção na vida política brasileira de quase todo o século XX. O êxito militar e político da Coluna tornou seu nome conhecido e criou o merecido mito do Cavaleiro da Esperança. Quando especulamos sobre a precariedade de sua atuação política, percebemos que certamente não foi por ela que se manteve a admiração e o respeito por Luís Carlos Prestes. Num ambiente em que a coerência moral e política é exceção, Luís Carlos Prestes tinha que ocupar um espaço excepcional, encarnando a dignidade ausente. O que tornou Prestes a figura notável que foi deve-se a ele ter escolhido o caminho da realização plena de sua humanidade, de sua liberdade, caminho que ele



compreendeu ter que passar pela emancipação de todos. Prestes, como tantos outros revolucionários, percebeu que não existe solução individual, felicidade isolada ou realização às custas de outros. Prestes foi capaz de acreditar na esperança de um mundo de igualdade e solidariedade e lutar por torná-lo realidade. Foi isso que o tornou grande: a luta que travou para ajudar a criar e compartilhar um mundo melhor. Poucos homens e mulheres foram capazes de lutar por um ideal tão generoso, com tal perseverança, entusiasmo e por toda uma longa existência.

Ao relembrar a vida de Luís Carlos Prestes, sentimos os versos do poeta Manuel Bandeira:

Tinha um sossego tão antigo no jardim,
Uma fresca tã de mão lavada com limão
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... mulher não desejei não, desejei...
Se eu tivesse ao meu lado, ali, passeando
Suponhamos Lenine, Luís Carlos Prestes, Gandhi,
um desses!...

Prestes era um desses.

NOTAS

- ¹ Entrevistas realizadas com Luís Carlos Prestes pela autora, Ramón Peña Castro e Anita Leocádia Prestes, entre 1981 e 1988. F1, L1. Serão referidas, daqui em diante, como LCP- FN/L (fita/ número e ro/ lado).
- ² *Ibidem*.
- ³ Cordeiro de Farias, entrevista ao CPDOC, em Camargo & Goes, *Diálogo com Cordeiro de Farias* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981), p.126.
- ⁴ LCP, F1/L1.

⁵ LCP, F8/L1.

⁶ Carta de Prestes a sua mãe; *apud*. L. Magalhães, “Luís Carlos Prestes, o incorruptível em seus ideais”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 7-1-86.

⁷ LCP, F1/L2.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Lourenço Moreira Lima, *A Coluna Prestes - Marchas e combates* (São Paulo: Alfa Ômega, 1979), p. 347.

¹⁰ *A Manhã*, 20-1-1927, *apud* A. Bastos, *Prestes e a revolução social* (2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1986), pp. 155-156.

¹¹ LCP, FB-L/ 3 e 4.

¹² Carta de Prestes a Silo Meireles, Buenos Aires, 22-11-1929, publicada em *A Noite*, 4-6-1930.

¹³ LCP, F8/L2.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ “Carta Aberta de Luís Carlos Prestes”, 12-3-1931, *Diário da Noite*, São Paulo, 24-3-1931, *apud* A. Bastos, *op. cit.* pp. 220-231.

¹⁶ LCP, F9/L1.

¹⁷ LCP, B 3/4.

¹⁸ “Declarações de Luís Carlos Prestes: Aos trabalhadores das cidades e dos campos! A todos os explorados e oprimidos!”, Montevideu, 1-10-1931.

¹⁹ LCP, F11/L1.

²⁰ LCP, F1/A.

²¹ LCP, F13/LA

²² LCP, F11/L1.

²³ LCP, F11/L2.

²⁴ L. Magalhães, *art. cit.* A citação é tirada do artigo “Palavras de Prestes sobre o exílio”, em *Problemas* de 1952, edição comemorativa do trigésimo aniversário do PCB.

²⁵ L. C. Prestes, “Como cheguei ao comunismo”. O artigo foi escrito em 1974 e publicado em *A Voz Operária*, jornal do PCB que saía mensalmente, apesar da clandestinidade.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Carta de Prestes a Trifino Correia, 17-7-1935.

²⁸ L. C. Prestes, “Comentários a um documento aliancista aparecido nos últimos meses de 1943”, em *Problemas atuais da democracia* (Rio de Janeiro: Vitória, s/d), pp. 45-46.

²⁹ LCP, F14/L-A.